

ARTHUR MILLER

Foco

Tradução

José Rubens Siqueira



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © The Arthur Miller 2004 Literary and Dramatic Property Trust, 1945
Copyright da apresentação © 1984 by Arthur Miller
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Focus

Capa
Sabine Dowek

Preparação
Alexandre Boide

Revisão
Carmen T. S. Costa
Camila Saraiva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Miller, Arthur
Foco / Arthur Miller ; tradução José Rubens Siqueira. — 1ª ed. —
São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: Focus.
ISBN 978-85-359-2132-8

1. Ficção norte-americana I. Título.

12-07304

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

1.

Ele tinha ido dormir exausto pelo calor; seus ossos doíam. Durante um longo tempo ficou deitado, decidido a encontrar um sonho que pudesse arrastá-lo para a inconsciência. E, ao buscá-lo, adormeceu e um sonho surgiu.

Estava em uma espécie de parque de diversões. Uma multidão ouvia um vendedor ambulante que tinha o rosto molhado de suor. Ele se afastou da multidão e caminhou sem rumo. O mar ficava perto. Depois, à sua frente, havia um grande carrossel, estranhamente colorido de manchas verdes e roxas. Por alguma razão, não havia pessoas ali. Tudo estava deserto quilômetros em torno dele. E no entanto o carrossel girava. Os carrinhos de cores berrantes, todos vazios, rodavam. E então pararam e giraram para trás. Pararam de novo e foram para a frente. Ele se deteve, perplexo, olhando o vaivém do carrossel, e entendeu que embaixo, no subsolo, havia uma máquina gigantesca funcionando: se deu conta de que era uma fábrica. Alguma coisa estava sendo manufaturada debaixo do carrossel, e tentando imaginar o que era, ficou assustado. O carrossel vazio ia para a frente e para trás, e ele

começou a se afastar. Foi quando pela primeira vez ouviu um barulho vindo dele, um som crescente, um grito... “*Alícia! Alícia! Alícia!*”

Acordou com um choque. Soava como uma mulher. Que agudo! Ele estava ofegante. Com os olhos abertos ficou deitado na cama, escutando.

A noite estava silenciosa. Uma lenta brisa de verão agitava a cortina agradavelmente. Ele olhou a janela e lamentou tê-la deixado escancarada. De repente, o grito de novo. “*Alícia! Alícia!*” Os braços volumosos se contraíram junto ao corpo. Ele ficou perfeitamente imóvel. Outra vez o som penetrou o quarto. “*Alícia!*” Vinha da rua. Ainda estava sonhando? Tentou levantar uma perna. Saiu da cama e caminhou descalço pelo quarto, seguiu o corredor até a janela do quarto da frente. Silenciosamente, ergueu a veneziana.

Junto ao poste de luz do outro lado da rua, percebeu dois vultos se movimentando. O grito soou de novo, mas dessa vez o sr. Newman identificou o que dizia: “*Polícia! Polícia! Por favor, polícia!*”. Tentou enxergar na escuridão, agachou-se à janela e tentou não fazer nenhum movimento. Parecia ser uma mulher lá fora, lutando contra o que parecia um homem grande. O sr. Newman ouviu a voz do homem. Rosnava, ameaçadora, embriagadamente grave. A mulher escapou dele e correu para a rua, na direção da casa do sr. Newman. Em cima da tampa do bueiro do meio da rua, o homem a alcançou e bateu com o braço em sua cabeça. A tampa do bueiro retiniu com o peso dele. Quando ele a agarrou, ela começou um discurso agudo em algo que soava como espanhol. Talvez porto-riquenha, o sr. Newman concluiu. Os sons do homem, porém, eram ingleses, identificou aliviado. O braço livre do bêbado se ergueu de novo como se fosse bater na mulher e mais uma vez ela gritou pela polícia. Mas agora implorava, chorando no escuro. O sr. Newman, a vinte metros

dela, podia ouvir a respiração frenética saindo de seu corpo enquanto gritava pela polícia. Ela então se voltou para a janela. Devia ter notado que um momento antes a veneziana havia subido. Rapidamente, o sr. Newman deu um passo para dentro do quarto. “*Polícia!*” Pensou com seus pés descalços; sem chinelos, não se podia esperar que saísse para impedir aquilo. De qualquer forma, ninguém do quarteirão estava lá fora. Se chamasse a polícia, a mulher e o homem provavelmente já teriam ido embora quando chegasse, e ele passaria a vergonha de explicar por que havia armado tamanha cena. O casal se engalfinhava a não mais que três metros da borda do pequeno gramado da frente. Não conseguia ver o rosto da mulher porque a luz da rua estava atrás, mas na escuridão da noite, e despertado brutalmente do sono, pensou ver os olhos dela. O branco dos olhos brilhava contra a pele escura, e ela lançava olhares desamparados à casa dele e a todas as outras de onde as pessoas sem dúvida a observavam. Mas ele recuou da janela, a mulher gritando “*Polícia! Polícia!*” com seu sotaque. Ele se virou no escuro e saiu do quarto.

“*Polícia!*” Em seu quarto, baixou a janela até estar fechada o suficiente para que ninguém se esgueirasse para dentro. Deitado de costas, escutou. A noite estava silenciosa outra vez. Ele esperou um longo tempo. A seis quarteirões, o trem elevado grunhiu e ribombou em direção a Manhattan. Não havia mais nenhum som na rua. Na cama, ele balançou a cabeça, tentando imaginar que tipo de mulher estaria na rua a essa hora da noite, e sozinha. Ou, se não sozinha, com aquele tipo de homem. Talvez estivesse voltando do trabalho no turno da noite e fora incomodada pelo homem, um estranho. Pouco provável. O sotaque dela garantia ao sr. Newman que estava na rua com propósitos nada bons, e de alguma forma isso o convenceu de que ela era capaz de cuidar de si mesma, porque estava acostumada a esse tipo de tratamento. Os porto-riquenhos eram assim, ele sabia.

Exausto, atordoado de novo, mal se dando conta de que tinha acordado, fechou os olhos e tentou dormir. Lentamente seus dedos roliços e pequenos se abriram, os lábios se separaram e aspiraram como a boca de um peixe, porque o nariz fino impedia que entrasse ar suficiente para ele. Como sempre, estava deitado de costas, com uma das mãos apoiada na saliência da barriga, as pernas curtas, ligeiramente arqueadas, estendidas com os dedos dos pés erguendo o lençol como uma tenda. Mesmo adormecido, ele parecia não se desligar de seu senso de retidão, porque quando a brisa parou logo em seguida, sua mão delicadamente afastou do corpo o lençol e voltou ao seu lugar quente na barriga. Quando ele acordasse não haveria praticamente nenhuma ruga na roupa de cama, e seu cabelo avermelhado, lambido a partir de uma risca do lado esquerdo, quase não precisaria ser penteado.

2.

Houve um tempo — até poucas semanas antes — em que ele tinha prazer em emergir da casa de manhã. Saía para a alta varanda da frente com o vigor ligeiro de um pássaro e descendo a escada de tijolo examinava seus três metros quadrados de gramado em busca de qualquer pedaço de papel que a noite pudesse ter soprado para ali. Depois, pegava depressa o lixo e jogava na lata da calçada, lançava um breve mas afetuoso olhar à casa e seguia para o metrô. Tinha um jeito rápido de andar, meio inclinado para a frente, como alguns cachorros que perambulam pela rua sem olhar nem para a direita nem para a esquerda. Era um homem que parecia ter medo de ser visto passeando à toa.

Mas, quando pisou na varanda essa manhã, o calor tocou suas faces claras, infantilmente inchadas, lembrando-o de seu corpo e seu problema, e por um momento ele se sentiu enfraquecido e temeroso. Foi até os degraus da entrada e parou ao ouvir um estralejar debaixo do sapato. Curvou-se até a cintura, olhou o piso de tijolos da varanda, ergueu o sapato lustrado de bico redondo e viu um pedaço de celofane. Pegou-o com dois dedos,

desceu a escada e seguiu o caminhozinho de cimento até a calçada, onde abriu a lata de lixo e depositou o celofane. Durante um momento, ficou parado ajeitando o paletó azul-marinho de verão em cima da barriga — que estava começando a formar um promontório, como ele dizia — e sentiu a transpiração por dentro do colarinho engomado. Olhou a casa, sem expressão.

Um estranho ao quarteirão nunca teria notado nenhuma diferença entre a casa do sr. Newman e as outras. Elas formavam uma linha de topo reto, dois andares de tijolos geminados, com garagens embutidas debaixo das varandas altas. Diante de cada casa crescia um olmo esguio, nem mais grosso nem mais fino que o do vizinho, plantados todos na mesma semana sete anos antes, quando concluíram o projeto imobiliário. Para o sr. Newman, porém, havia certas diferenças fundamentais. Parado por um momento ao lado da lata de lixo, ergueu o olhar para as venezianas que havia pintado de verde-claro. As outras casas todas tinham venezianas verde-escuro. Seus olhos então foram para as telas das janelas, que ele havia prendido com dobradiças laterais, de forma que se abriam como portas, e não penduradas do alto como as outras do quarteirão. Muitas vezes desejou, levemente, que a casa fosse construída com madeira, de modo a ter maior superfície para pintar. Diante disso, ele só podia trabalhar em seu carro, que ficava sobre blocos de concreto na garagem. Antes da guerra, aos domingos, ele tirava o carro e limpava com um pano encedrado, espanava o interior e levava sua mãe à igreja. Ele não admitia, porém gostava muito mais do carro agora que estava em cima dos blocos, pois é bem sabido que a ferrugem é uma ameaça terrível para uma máquina fora de uso. Nesses domingos de guerra, ele pegava uma novíssima bateria de reserva que guardava no porão, instalava-a no carro e fazia o motor funcionar por alguns momentos. Então desligava a bateria, levava de volta para o porão e caminhava em torno do carro procurando manchas de ferru-

gem, girava um pouco as rodas com as mãos para circular a graxa, e geralmente fazia todo domingo o que o fabricante aconselhava ser realizado duas vezes por ano. No fim do dia, gostava de lavar as mãos com Gre-Solvent e sentar para um bom jantar, sentindo a presença de seus músculos e da boa saúde.

Deu uma olhada na lata de lixo para se certificar de que estava bem fechada, e seguiu pela rua com seu passo ativo. Mas, apesar do caminhar uniforme e da postura confiante e determinada da cabeça, sentiu as entranhas se movimentarem, e para se acalmar pensou na mãe, que agora estava sentada na cozinha, esperando a chegada da diarista para fazer o café da manhã. Ela era parálitica da cintura para baixo e não falava em nada além da dor e da Califórnia. Ele tentou se envolver na lembrança dela, mas ao chegar perto do metrô seu abdome estava duro, e ele ficou contente de ter de parar um momento na confeitaria da esquina para comprar o jornal. Disse bom-dia ao proprietário e pagou com uma moeda, com o cuidado de não tocar a mão do homem com a sua. Ele não ficaria especialmente horrorizado de tocá-la, mas não gostava da ideia. Achava que havia certo odor de comida velha vindo do sr. Finkelstein. Não queria tocar aquele cheiro. O sr. Finkels-tein respondeu ao bom-dia, como sempre, o sr. Newman avançou alguns metros até a esquina, fez uma breve pausa para segurar com firmeza o corrimão da escada do metrô e desceu.

Tinha outra moeda separada para a catraca e inseriu-a depois de tatear habilmente pela fenda, embora, se achasse conveniente baixar a cabeça, pudesse tê-la enxergado com facilidade. Ele não gostava de ser visto baixando a cabeça.

Ao chegar à plataforma, virou à esquerda e caminhou com tranquilidade, notando ao passar que, como sempre, a maior parte das pessoas ficava aglomerada no centro da plataforma. Ele sempre ia à parte da frente — como deviam fazer todos se tivessem o bom senso de observar que o primeiro vagão era sempre o

mais vazio. Quando um espaço de uns vinte metros o separava das pessoas à espera, ele foi andando mais devagar e parou ao lado de uma coluna de aço. Virou-se para ela discretamente e ficou com o rosto a um palmo do centro dentado da viga em I.

Apertando com firmeza os olhos, focalizou as pupilas. Levantando e abaixando a cabeça, examinou a superfície pintada de branco da coluna. Então o movimento cessou. Alguém tinha escrito ali. Enquanto lia, a expectativa fez sua pele esquentar. Num rabisco a lápis, escrito depressa entre a chegada e partida de trens, havia a inscrição *Venha a LA 4-4409 linda e burra*. Como muitas vezes antes, ficou se perguntando se aquilo era realmente um anúncio ou uma pretensa piada. Um sopro de aventura o alcançou, e ele visualizou um apartamento em algum lugar... escuro e com cheiro de mulher.

Seus olhos procuraram mais abaixo. Uma orelha bem desenhada. Várias marcas de $\sqrt{\sqrt{\quad}}$. Era uma coluna bem prolífica, pensou. Muitas vezes, eram lavadas antes de ele chegar de manhã. *Meu nome NÃO É ELSIE* prendeu sua atenção um momento, ele sacudiu a cabeça e quase sorriu. Com quanta raiva Elsie — ou fosse qual fosse seu nome — havia escrito aquilo. Por que a chamavam de Elsie?, imaginou. E onde estaria agora essa Elsie? Dormindo em algum lugar? Ou a caminho do trabalho. Estaria alegre ou tristonha? O sr. Newman sentia um vínculo, uma ligação com as pessoas que escreviam naquelas colunas, pois parecia-lhe que eram sinceras. Era como abrir a correspondência de alguém...

Sua cabeça parou de se mexer. Acima de seus olhos estava escrito cuidadosamente: *Os judeus começaram a Guerra*. E logo abaixo: *Morte aos judeus morte aos ju*. Aparentemente, o autor havia sido interrompido pela chegada de seu trem. O sr. Newman engoliu em seco e olhou como se captado por uma luz hipnótica. Acima da frase feroz havia a exclamação: *Fascistas!* com uma flecha para baixo, denunciando a exortação ao assassinato.

Desviou o foco da coluna e ficou olhando os trilhos. Seu coração estava maior, a respiração mais rápida, quando uma vibração de perigo dançou em sua cabeça. Era como se tivesse acabado de assistir a uma luta sangrenta. Em torno da coluna, o ar havia testemunhado uma disputa silenciosa, mas terrível. Enquanto lá em cima, na rua, o tráfego fluía tranquilamente e as pessoas tinham dormido durante a noite, ali embaixo uma corrente furiosa corria, sombria, deixara suas marcas e desaparecera.

Ficou imóvel, concentrado. Nada do que havia lido antes o afetara com tamanha intensidade como aquelas ameaças rabis-cadas. Para ele, eram uma espécie de registro mudo de que a cidade escrevia autonomamente durante o sono; um jornal secreto que publicava o que as pessoas realmente pensavam, sem a diluição dos medos provenientes da retidão moral e do interesse pessoal. Era como encontrar os olhos fugidios da cidade e contemplar sua verdadeira mente. Os primeiros rugidos de um trem que se aproximava o despertaram.

Virou-se de novo para a coluna como para um membro decepado e parou quando duas mulheres cheirando a sabonete de cereja pararam a seu lado. Olhou para elas. Por que, perguntou-se, essas coisas tinham de ser escritas sempre por mãos tão evidentemente ignorantes? Aquelas duas mulheres agora — elas compartilhavam da indignação de quem escrevera a frase e no entanto cabia às pessoas mais baixas dar um passo à frente e externar a verdade. O ar começou a girar e subir em torno de suas pernas quando o trem penetrou como um pistão na estação cilíndrica. O sr. Newman recuou um metro e tocou com o cotovelo o vestido de uma das mulheres. O cheiro de cereja aumentou de intensidade por um instante, e ele ficou contente de ela ser uma mulher bem cuidada. Gostava de viajar com pessoas bem cuidadas.

As portas se abriram com um chiado e as mulheres entraram. O sr. Newman esperou um instante e seguiu-as cuidadosa-

mente, lembrando-se que, uma semana antes, havia entrado antes de as portas estarem inteiramente abertas e colidira com elas. Ao erguer a mão e agarrar um apoio de porcelana acima da cabeça, seu rosto ficou mais vermelho com a lembrança daquele momento. O sangue começou a correr depressa. Baixou o braço quando o trem partiu e puxou o punho branco da camisa por baixo da manga do paletó. O trem seguia depressa para Manhattan. Implacável, impiedoso, levava-o para aquela ilha, e ele fechou os olhos um momento como que para conter a si mesmo e ao medo.

O jornal ainda estava preso debaixo do braço. Lembrou-se dele, abriu-o e fingiu ler. Não havia nenhuma grande manchete. Tudo engatinhava debaixo de seus olhos. Segurando o jornal como se estivesse concentrado nele, olhou por cima da folha o passageiro sentado à sua frente. Ucrâniano-polonês, registrou sem pensar. Estudou o homem o melhor possível. Boné de trabalhador. Blusão sujo. Não conseguia distinguir os olhos do homem. Provavelmente pequenos, completou. Ucrâniano-polonês... taciturno, trabalhador, com tendência à bebida forte e à burrice.

Seus olhos passaram para o homem sentado ao lado do trabalhador. Negro. Seus olhos prosseguiram para o seguinte e ali ficaram. Conseguindo dar um passo mais para perto, perdeu toda a noção do que o cercava. Ali estava um homem cujo tipo era para ele como um relógio raro para um colecionador. O homem lia calmamente o *Times*. Tinha a pele clara, a nuca lisa e reta, o cabelo provavelmente loiro debaixo do chapéu novo e, apertando os olhos, o sr. Newman captou um vestígio de bolsas debaixo dos olhos de seu objeto de estudo. A boca, não conseguiu ver com clareza, então supôs: grande, de lábios grossos. Relaxou com uma certa satisfação, que sempre lhe vinha quando fazia esse jogo secreto a caminho do trabalho. Provavelmente, só ele naquele

trem sabia que aquele cavalheiro de cabeça quadrada e pele clara não era nem sueco, nem alemão, nem norueguês, mas judeu.

Voltou-se de novo para o negro e ficou olhando. Algum dia, pensou, como sempre pensava quando se defrontava com um rosto negro, algum dia terá de observar os vários tipos de negros. Era um interesse acadêmico, ele sabia, porque não precisava dessa informação para seu trabalho, mas mesmo assim...

Uma mão tocou-lhe o ombro. Instantaneamente seu corpo enrijeceu e virou para trás.

“Olá, Newman. Olhei para cima e vi você.”

Com a expressão de afável condescendência que transformava seu rosto sempre que encontrava Fred, perguntou: “Como estava na sua casa ontem à noite, calor?”

“Sempre entra uma brisa pelas janelas dos fundos.” Fred morava na casa vizinha. “Sentiram a brisa?”, perguntou como se morassem na parte mais arejada da cidade.

“Ah, claro”, o sr. Newman respondeu, “dormi com cobertor.”

“Vou pôr uma cama no porão”, disse Fred, cutucando o braço do sr. Newman. “Agora que terminei tudo lá embaixo, ficou ótimo.”

Newman ficou pensativo. “Deve ser úmido lá embaixo.”

“Não agora que terminei”, Fred afirmou, taxativo.

O sr. Newman desviou os olhos, sem saber o que pensar. Por um lado, Fred trabalhava no departamento de manutenção da mesma companhia, se bem que em outro prédio, e usava um macacão para trabalhar, portanto tinha os modos de um trabalhador braçal. Como sempre ocorria quando se confrontava com Fred, o sr. Newman sentiu uma irritada determinação de terminar o próprio porão, tivesse ou não dinheiro para isso. Nunca conseguira entender por que aquele porco corpulento valia duas vezes mais do que ele para a companhia, considerando a importância de seu trabalho e a natureza excepcional de seus talentos.

Também não gostava de ser visto no metrô com Fred, que invariavelmente o cutucava com o dedo ao falar.

“O que achou da bagunça na rua ontem à noite?”, Fred perguntou. Havia um sorriso contido de malícia em seu queixo pesado, preso ao rosto por duas rugas longas e profundas de ambos os lados.

“Eu ouvi. No que é que deu?”, o sr. Newman perguntou, o belo lábio inferior projetado judiciosamente, como sempre ocorria quando ele prestava atenção.

“Ah, nós saímos e levamos Petey para a cama. Rapaz, como ele estava bêbado.”

“Era o Ahearn aquele lá?”, ele sussurrou, surpreso.

“É, ele estava voltando para casa chumbado e viu aquela latina. Ela não era feia, pelo que eu vi.” Fred tinha o costume de olhar para trás quando falava.

“E a polícia veio?”

“Nada, a gente pôs ela para correr do quarteirão e botou Pete na cama.”

O trem parou numa estação e eles se separaram por um momento. Quando as portas se fecharam, Fred voltou até o sr. Newman. Ficaram em silêncio durante vários minutos. O sr. Newman olhava o pulso peludo de Fred, que era muito grosso e provavelmente forte. Lembrou que Fred havia se saído muito bem no boliche no verão anterior. Estranho como às vezes ele gostava de estar com Fred, e com a turma de Fred no quarteirão, e às vezes, como agora, não suportava a proximidade dele. Lembrou-se de um piquenique que fizeram no Marine Park e da briga que Fred tivera...

“O que acha do que está rolando?” O sorriso de Fred havia desaparecido, mas as duas rugas longas permaneciam como cicatrizes em seu rosto. Ele examinou o rosto de Newman com os olhos inchados e apertados.

“Como assim, rolando?”, Newman perguntou.

“No bairro. Daqui a pouco, os negros é que vão se mudar para perto da gente.”

“Acho que as coisas são assim mesmo.”

“Está todo mundo falando do novo elemento mudando para lá.”

“É mesmo?”

“A única razão do quarteirão inteiro ter mudado para lá foi para se livrar do elemento, e agora eles vão atrás da gente lá. Sabe aquele Finkelstein?”

“Da confeitaria?”

“Levou os parentes dele todos para morar na casa da esquina. Do lado esquerdo, vizinho da loja.” Fred deu uma olhada para trás.

Era isso que o fascinava em Fred. Queria que ele fosse mais contido, mas de alguma forma queria que continuasse, porque ele dizia as coisas que todo mundo sentia e não tinha coragem de expressar. Um presságio de algum tipo de ação sempre pairava sobre ele quando Fred falava. Era a mesma sensação que teve diante da coluna: alguma coisa estava crescendo dentro da cidade, alguma coisa ruidosa e estimulante.

“Estamos pensando em fazer uma reunião. Jerry Buhl estava falando disso com Petey.”

“Achei que essa atitude estivesse fora de questão.”

“Fora nada”, Fred exclamou, orgulhoso, baixando os cantos da boca. Sobretudo de manhã, suas pálpebras ficavam tão inchadas que quase fechavam os olhos. “Assim que a guerra acabar e os meninos voltarem, você vai ver fogos de artifício como nunca se viu por aqui. Estamos só esperando os meninos voltarem para casa. Essa reunião parece que é o primeiro passo, sabe? Não dá para saber, a guerra pode acabar qualquer dia, pelo que parece. Nós queremos estar de pé e a postos. Sabe?”

Ele parecia precisar da confirmação de Newman, porque tinha no rosto uma expressão incerta.

“A-hã”, Newman resmungou, esperando que ele continuasse.

“Quer ir? Eu levo você de carro.”

“Deixo as reuniões para vocês”, o sr. Newman sorriu, como se desse sua aprovação em deferência ao corpo poderoso de Fred. Mas na verdade ele não gostava do tipo de gente que havia nessas reuniões. Metade era de bêbados e a outra metade parecia que não trocava de roupa havia anos. “Não sou muito bom em reuniões.”

Fred assentiu com a cabeça, não muito convencido. Passou a língua pelos dentes amarelos de charuto e olhou pela janela as luzes que passavam ligeiro.

“Tudo bem”, disse, piscando, bastante magoado, “achei que devia convidar você. Nós só queremos limpar o nosso bairro, só isso. Achei que estava interessado. É só a gente dar uma apertada neles e eles fazem as malas.”

“Quem?”, o sr. Newman perguntou avidamente, o rosto redondo bem interessado.

“Os judeus do nosso quarteirão. E depois a gente ajuda os meninos do outro lado da avenida com os hispânicos. Já, já vai ter carrocinha de mão na rua.” Ele pareceu indignado com Newman. Tinha um queixo duplo, que agora mostrava pequenas manchas vermelhas.

Mais uma vez a excitação do perigo tomou conta do sr. Newman. Ia responder quando olhou para baixo e viu o judeu com as bolsas debaixo dos olhos a estudá-lo. O homem parecia a ponto de se levantar e empurrá-lo ou coisa parecida. Virou-se para Fred.

“Eu aviso você. Talvez tenha de trabalhar até tarde na quinta”, disse, sem elevar o tom de voz, dando as costas para o

judeu. O trem estava chegando à estação. Fred tocou seu braço e disse que tudo bem. As portas se abriram e o sr. Newman desceu depressa para a plataforma. Imediatamente, ao virar na direção da escada, seu corpo começou a tremer por dentro outra vez. O trem partiu e ele se dirigiu à saída, cuidando de ficar longe dos trilhos, e subiu a escada.

Na calçada, ficou um momento parado ao sol e recuperou o fôlego. Ao levantar o braço para firmar melhor o chapéu-panamá na cabeça, uma gota de suor frio escorreu de sua axila para as costelas. Todos os dias durante as semanas anteriores ele fizera uma pausa nessa esquina, temendo o que podia estar à sua espera no escritório, e como sempre durante essas pausas sua pele ficava pastosa ao calor do sol e de sua imaginação. Caminhando já sem dificuldades, percorrendo com cautela a calçada já muito quente, tentou pensar em seu quarteirão e nas casas todas idênticas, lado a lado como as estacas de uma cerca. A lembrança de sua uniformidade aplacava sua necessidade de ordem, e ele caminhou para seu prédio recuperando judiciosamente o pleno domínio de seu juízo.